

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

Uma mulher premiada

História de [Carmita Duarte Medeiros](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 24/09/2013

Projeto Correios 350 Anos Aproximando Pessoas
Entrevistado por Rosana Miziara
Depoimento de Carmita Duarte Medeiros
Monte Dourado 26/07/2013
Realização Museu da Pessoa
HVC061_Carmita Duarte Medeiros
Transcrito por Jackeline Stefanski

P/1 – Carmita, você pode falar seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Carmita Duarte Medeiros, a data de nascimento é 28 de outubro de 1965.

P/1 – Em que cidade?

R – Cidade de Gurupá, que nasci, no interior de Gurupá, no município de Gurupá.

P/1 – Que fica onde?

R – Fica no estado do Pará, sou paraense.

P/1 – Seus pais são de Gurupá?

R – São.

P/1 – Seu pai e sua mãe?

R – São, são.

P/1 – E seus avós paternos e maternos?

R – Eles são também de Gurupá. O meu avô paterno, ele é do município de Breves e da minha mãe, que é materno, são do estado do município de Gurupá, no Pará também.

P/1 – E o que seus avós maternos e paternos faziam?

R – Todos eles eram agricultores.

P/1 – Tanto do lado de pai, quanto do lado de mãe?

R – Sim, tanto lado de pai, quanto de mãe.

P/1 – Eles plantavam o quê?

R – Na época, eles trabalhavam também com a questão da seringa, na época, que faz muitos anos, quantas décadas já tem. E plantavam..

P/1 – Eram seringueiros?

R – Sim, seringueiros e plantavam melancia, plantavam juta, essas coisas. Mais ou menos por aí que eu lembro que meu pai comentava.

P/1 – Mas, você chegou a conviver com seus avós?

R – Não, só com a minha avó materna e com a minha avó paterna, não conheci meus avós, os homens.

P/1 – E as suas avós faziam o quê?

R – As minhas avós também eram agricultoras.

P/1 – Elas trabalhavam também?

R – Elas trabalhavam na questão de farinha, minha avó da parte da minha mãe, que é a avó materna, ela trabalhava também na agricultura com farinha.

P/1 – Mas, ela chegou a trabalhar em casa de farinha?

R – Chegou, chegou a trabalhar.

P/1 – Você sabe um pouco, como era a atividade da farinha?

R – A atividade da farinha?

P/1 – É.

R – É. Como é que era esse trabalho com a farinha?

R – Era a fabricação mesmo de farinha que eles faziam, a atividade deles era plantar mandioca e fazer farinha.

P/1 – E quais são os nomes dos seus pais?

R – O meu pai é Domingos Tavares Medeiros e a minha mãe é Maria Duarte Medeiros.

P/1 – Você sabe como eles se conheceram?

R – Ah, eles se conheceram na convivência da comunidade que eles viviam no interior do estado, do estado, do município de Gurupá.

P/1 – Os dois moravam lá?

R – Os dois moravam lá?

P/1 – Mas, você não sabe se foi numa festa, onde foi?

R – Não, eu não sei, eu só sei dizer que meu pai, ele era viúvo, ele já tinha uma outra família, ele era viúvo quando ele casou com a minha mãe.

P/1 – Ele tinha filhos?

R – Tinha três filhas, uma já era falecida e duas era viva, a minha mãe ainda criou uma filha do meu pai.

P/1 – Por que ele era viúvo?

R – Porque ele era viúvo e a esposa do meu pai, ela morreu de parto, aí foi o tempo que ele conheceu a minha mãe, que era muito jovem, os dois eram jovens com 20 anos, meu pai devia ter 30 anos, ou, não sei bem.

P/1 – Aí, você nasceu lá nesse município?

R – Aí, eu nasci lá.

P/1 – E quantas filhas seu pai e sua mãe tiveram?

R – Sete.

P/1 – Sete mais...

R – Mais quatro filhos.

P/1 – Ele não tinha três?

R – Ele tinha três filhas. Com a minha mãe, o meu pai tem sete filhas, é uma família muito grande, e quatro filhos.

P/1 – Com a sua mãe ele teve 11?

R – Com a minha mãe.

P/1 – Onze com a sua mãe e mais duas do outro casamento?

R – Mais duas do outro casamento.

P/1 – E vocês moravam todos na mesma casa?

R – A minha irmã mais nova do primeiro casamento do meu pai, quem criou foi a irmã dela, que criou, agora como a outra já tinha três anos de idade, quem criou foi a minha mãe.

P/1 – E vocês moravam os 11, mais ela na mesma casa?

R – Na mesma casa.

P/1 – E como era? Desses 11, você é qual?

R – Eu sou a primeira filha, eu sou a filha mais velha do segundo casamento do meu pai com a minha mãe. Aí, depois ele teve mais três filhas, depois que ele teve três filhas que veio o menino. Depois que a minha mãe teve mais três meninas, que veio os meus irmãos caçulas, são os homens.

P/1 – Entendi. E vocês moravam todos na mesma casa?

R – Todos na mesma casa.

P/1 – Como era essa casa?

R – Era só dois espaços, uma sala, um quarto grande, uma sala, devia ter uns seis metro quadrado, era bem grande a casa, que antigamente essas casa do interior sempre era assim, uma cozinha grande, uma sala grande e um quarto grande.

P/1 – Mas, seu pai, sua mãe e seus irmãos dormiam todos no mesmo quarto?

R – Dormia todos no mesmo quarto.

P/1 – Junto com seu pai e sua mãe?

R – Não, o meu pai, o meu pai e a minha mãe dormiam, que tinha um corredor grande na sala, eles dormiam no corredor, meu pai e minha mãe e o resto dormia nos quarto. O meu irmão, porque não tinha homem, os meus irmãos era pequenos ainda, eram as mulheres que eram maior. Aí, quando eu saí da minha... A gente morava no interior, aí eu tive, com 11 anos de idade, de saí pra ir morar na cidade pra estudar, a gente não tinha oportunidade lá na época.

P/1 – E seu pai fazia o que?

R – Ele era agricultor, meu pai. Ele tinha uma pequena fazenda, que tinha gado, era disso que a gente vivia. Ele plantava, colhia na questão do verão, porque lá, onde a gente morava, era área de várzea, quando chegava o inverno que a água crescia, ficava muito grande, não dava pra fazer quase que nada. Ele tinha a fazenda de cacau, que eles falam hoje, fazenda de cacau, que na época conhecia como outro nome, e aí era daí que a gente conseguia viver, aí com gado que ele tinha.

P/1 – A fazenda era pra você e ele comercializava também?

R – Isso. Sim. Tinha a questão de cacau. Toda família trabalhava em torno disso.

P/1 – E sua mãe?

R – A minha mãe também. A minha mãe ajudava nessa questão da agricultura, além que ela era dona de casa, cuidava das criança, ela também cuidava. Porque antigamente, na época que eu tinha dez anos de idade, na época, a gente sempre trabalhava, os nossos pais sempre criou a gente assim. Hoje não, tem aquela questão com adolescência, “não faz isso, não faz aquilo outro”, não faz nada, que eu, particularmente, acho errado. Porque na época, hoje eu me sinto orgulho assim, de ver o que meu pai me ensinou. O meu pai e a minha mãe, eles são analfabetos mesmo, eles sabem alguma coisinha, mas eu sempre digo, quando eu converso com as pessoas eu digo, “eu tenho orgulho, orgulho imenso deles”, por que eu sinto orgulho? Porque apesar que eles são analfabetos, mas os meus irmãos nenhum tem, que eu diga assim, “esse aqui é marginal, esse aqui, aquele outro”. Nessa questão da educação, porque hoje em dia tem muito, “ah, porque não sabe ler, não sabe isso, não sabe aquele outro”, mas eu posso lhe dizer porque, sempre que eu converso com os outro, eu sempre digo, “pode ter mentiroso, mas não tem bandido”. É uma família de 11 pessoas, mas, graças a Deus, meus irmãos tem a profissão deles, todo mundo faz alguma coisa.

P/1 – Como era a convivência na sua casa? Vocês brincavam entre vocês, tinham amiguinhos na rua?

R – Brincava, a gente brincava muito. A gente brincava de luta, muita luta, a gente brincava de luta de braço, ele incentivava a gente a fazer isso. E a gente brincava, a gente lutava com os meninos, a gente jogava bola, porque tinha assim, nas comunidades sempre no interior, as comunidades são distantes, mas aonde tinha – os moradores são distantes, não a comunidade -, sempre, no interior, os moradores são distante a casa uma da outra, mas tinha um local, onde a gente morava, que tinha um campo de futebol e lá ele levava a gente, a gente jogava bola no meio dos meninos, era aquela coisa. Hoje eu tenho uma irmã, que até hoje ela é obcecada por bola, eu não, quando eu comecei pegar de 15 anos pra frente, eu não me identifiquei mais com a questão da bola, mas sempre que eu podia, eu jogava, depois ainda de eu estar casada, eu nunca consegui jogar bola, depois de 20 anos, mas não era aquela coisa constante, era sempre, “lá uma vez na vida”, como dizia a minha mãe, “e outra na morte” (risos).

P/1 – Como era o município de Gurupá na sua infância?

R – O município de Gurupá era um município pobre, que a gente fala hoje. Era um município muito carente, na comunidade que a gente morava lá era dificuldade pra estudar, na época eu ainda estudei lá, tinha professores em Gurupá, só que a gente ia de canoa, sabe o que é canoa? Eu acho que mais de uma hora de canoa, pra poder chegar na escola e lá, na escola o professor, ele era muito rígido, se a gente não sabia, a gente apanhava de palmatória e era mais ou menos por aí. A dificuldade era grande, a dificuldade hoje lá não, hoje lá já tem mais facilidade, tem telefone, tem muita coisa boa lá, que antigamente não tinha, mas era porque antigamente era assim mesmo, sempre tinha dificuldade. Hoje o mundo está mais moderno em todo lugar.

P/1 – Com quantos anos você entrou na escola?

R – Eu entrei na escola, eu tinha 11 anos, 11 anos quando eu entrei na escola, que era lá...

P/1 – Nessa que você ia de canoa?

R – Que a gente ia de canoa, depois que meu pai colocou eu na cidade de Almeirim, mandou eu pra Almeirim pra estudar.

P/1 – E o que você lembra dessa escola?

R – Ah, eu lembro que a gente ia pra escola, ficava numa casa de família, a escola ficava numa casa de família, aí de lá a gente ia estudar, quando a gente vinha era muita dificuldade, a gente não tinha merenda na época, escolar, eu lembro que um ano a gente estudou de manhã, o outro ano à tarde.

P/1 – Você se lembra das professoras?

R – Lembro, a gente lembra, é que são muitas coisas assim, que a gente consegue já lembrar. Eu, por exemplo, tenho já dificuldade de lembrar essas coisas, hoje eu faço esse ano, as pessoas ficam dizendo pra mim, “você sabe o que fez aqui? Você sabe?”, e hoje eu tenho essa dificuldade por conta de problema de saúde, mas assim, eu vou poder, eu vou responder pra você o que eu lembrar, pode ter certeza. E a gente teve só esse professor.

P/1 – Como era o nome dele?

R – Era professor Luiz, era professor Luiz.

P/1 – Como ele era?

R – Ele era já um senhor acho, de uns 40 anos, ele já tinha os cabelinhos todo branco, um pouco, ele não era nem alto, nem baixo, ele era médio, então ele era muito rígido assim com a gente, o jeito que ele falava, eu lembro que ele batia na mesa e falava, eu não lembro exatamente o que ele falava, mas assim a gente conseguiu estudar, conseguiu aprender o A, o B, eu consegui aprender, porque quando eu fui pra cidade, nós já sabia

alguma coisa.

P/1 – Você gostava de ir pra escola?

R – Gostava, nossa a gente gostava de ir pra escola, eu com as minhas irmãs, a gente tinha dificuldade pra ir, mas a gente gostava.

P/1 – E como era na sua casa? Quem exercia autoridade, seu pai ou sua mãe?

R – Os dois, mais o meu pai, meu pai era muito rígido, meu pai, muito rígido.

P/1 – Como era lá, eles contavam histórias?

R – Contavam, nossa! O meu pai quase que toda noite ele contava história, ele sabia muita história, ele contava história até a gente dormir, tinha outro vizinho que morava, eu acho, mais ou menos, uns 40 minutos de canoa, que a gente andava na casa dos vizinhos, ele vinha da casa dele pra nossa casa, em torno de seis, sete horas da noite, ficava até dez horas da noite, 11 horas, naquela questão de conversa, não era todos os dias, eles ficavam assim. Minha mãe quase não tinha essa cultura de contar história, de contar história, mas o meu pai tinha. Até hoje, meu pai ainda sabe assim de história, só que perdeu.

P/1 – Tem alguma história que você Lembre?

R – Ah, não, eu não tenho história assim, se eu for tentar agora lembrar eu posso conseguir, mas nesse momento não.

P/1 – E aí, com 12 anos você se mudou e foi estudar em outro lugar?

R – Foi, não, com 14 anos.

P/1 - Você foi pra onde?

R – Eu fui pra Almeirim.

P/1 – E quem morava em Almeirim?

R – Era o irmão do meu pai, irmão do meu pai que morava em Almeirim.

P/1 – Foi só você, ou mais irmãs.

R – Não, fui só eu, a minha irmã foi antes pra Gurupá, porque a minha irmã teve um treinamento em Gurupá, pra ela poder também contribuir na escola de lá, do Cojuba, que era o interior onde a gente morava, do município de Gurupá, que a gente morava. Minha irmã já tinha ido antes, ela passou, eu acho, um ano numa casa, que era a casa do prefeito mesmo, que eles começaram a se preocupar com as escolas do interior. E o que que eles fizeram? Poder pegar uma pessoa do interior, pra levar pra capacitar na cidade, pra poder vir, que ele achava que era mais viável.

P/1 – Então, seus pais tinham uma preocupação com vocês estudarem?

R – Tinham. Meu pai sempre se preocupou, meu pai sempre foi de incentivar, “você tem que estudar, você tem que fazer isso, você tem que...”, sempre ele foi assim.

P/1 – E como foi essa mudança pra você?

R – Aí, eu fui em torno de 14 anos pra lá, 13 ou 14 anos, fiquei em Almeirim um ano, depois eu passei mais outro ano, nas férias eu voltava pra lá. Depois eu fiquei mais um outro ano, voltei pro município de Almeirim, onde tinha uma vila, que lá eu fiquei na casa da minha tia também.

P/1 – E como foi essa mudança?

R – Essa mudança pra Almeirim foi muito difícil, assim, por que foi difícil? Porque você morar na casa dos outros não é muito fácil e uma moça que vem do interior pra cidade, tem mais dificuldade, principalmente na época, eu não conhecia nada. E eu comecei trabalhar também, pra ajudar, numa casa de família trabalhava, e lá ainda bem que na minha casa a minha mãe me ensinou, o que eu não sabia era muito cozinhar, mas de limpeza, de roupa, de limpar casa, tudo eu sabia muito bem, sempre a minha mãe ensinou isso pra gente.

P/1 – E onde você trabalha? Na própria casa?

R – Não, eu trabalhava noutra casa. Morava lá e trabalhava noutra casa de família.

P/1 – E estudava que horas?

R – Eu estudava a noite.

P/1 – E como era a escola lá?

R – A escola era boa, eu achava muito boa, era Escola Estadual Frei, ah, meu Deus, não lembro mais, não lembro, sei que era estadual, não era municipal a escola que eu estudava e eu estudava à noite.

P/1 – E tinha alguma matéria que você gostava mais?

R – De matemática, sempre eu gostei mais de Matemática.

P/1 – Você tinha facilidade?

R – Tinha facilidade, eu estudei a primeira série, naquela época era primeira série, a segunda série eu estudei lá, dois anos que eu estudei lá. Aí, pra esse outro lugar que eu vim, aí eu continuei até a quarta, terceira e quarta série, que é o Saracura, que é um município de Almeirim.

P/1 – E como você se comunicava com a sua família em Gurupá?

R – Ah, a gente só se comunicava de mês a mês, às vezes, de dois em dois meses, quando meu pai ia.

P/1 – Mas, vocês tinham o costume de mandar carta, alguma coisa assim?

R – A gente tinha costume de mandar carta só que era muito difícil porque tinha que mandar essa carta por alguma pessoa que vinha de lá, do interior.

P/1 – Não mandava pelos Correios?

R – Não, não mandava pelos Correios, porque pelos Correios teria que ir pra Gurupá e era difícil essa dificuldade de mandar pra um endereço de Gurupá porque a gente não tinha. A gente se comunicava sempre assim, ou ele ia, ou então, alguém que é de lá, ele escrevia pra mim, ou eu escrevia pra ele, era assim que a gente se comunicava.

P/1 – E era sempre com seu pai?

R – Sempre com o meu pai e a minha mãe. Meu pai tinha um barco que ele andava pra todo lugar, ele andava e depois que ele comprou, ele conseguiu comprar o primeiro barco que ele tinha era um pouco grande, colocava a família todinha e ia, sempre quando ele saía não ficava ninguém.

P/1 – E você estava com quantos anos nessa época, em Almeirim?

R – Eu estava com 13, 14 anos, eu estudei nos 13 anos e nos 14 anos.

P/1 – Depois você voltou?

R – Depois eu voltei, porque na época de férias eu voltava lá pro interior, aí depois foi que eu fui pro outro, como eu já falei pra você.

P/1 – E aí, depois dessa outra mudança?

R – Nessa outra mudança aí eu fui pra lá, a minha outra tia que é irmã do meu pai, morava nessa vila, na época tinha a empresa ali em São Raimundo, que era a mesma coisa, já ali, era lá nossa região. Aí tinha plantio de arroz, era muito habitado, lá, muita gente e tinha as escolas e professores que era bom, aí o meu pai achou melhor me levar pra lá, por causa de que era mais perto de lá, do que Almeirim, era mais próximo de onde a gente morava, pra poder ir pra Almeirim. Aí, eu fiquei morando na casa da minha tia o primeiro ano, fui trabalhar também em casa de família, pra mim poder estudar, pra poder ajudar a me manter, trabalhei nessa época toda, aí eu com 17 anos, eu já estava nessa época com 17 anos, aí continuei a estudar, estudei até a quarta série, que era o que tinha lá.

P/1 – Mas, você estava em Almeirim?

R – Não, é. No município de Almeirim já.

P/1 – Até os 17 anos?

R – Não, fiquei lá os 18 anos, 19 anos.

P/1 – Na casa da sua tia?

R – Na casa da minha tia.

P/1 – Trabalhando e estudando?

R – Trabalhando e estudando.

P/1 – Trabalhava na casa de família?

R – Trabalhava na casa de família, trabalhava de manhã, estudava à tarde e dormia na casa da minha tia.

P/1 – Tem alguma coisa, quando você trabalhava nessa casa de família que tenha te marcado, algum episódio?

R – Marcante, não, assim que venha me trazer lembranças ruins ou boas, boas, eu acho assim, que boas, ruins não.

P/1 – Boas por que?

R – Boas, porque assim, além do que eu sabia, as pessoas sempre tinham aquela preocupação de estar ensinando, as coisas pra gente, principalmente porque era muito jovem. E nas casas que eu trabalhei, eles tinham aquela preocupação de saber que a gente veio do interior, de saber que a gente queria estudar, que a gente queria mesmo, porque quando a gente estava lá, a gente vinha e a gente queria mesmo. Eu falo também pelas outras pessoas que eu conheço que vinham do interior pra estudar.

P/1 – E além de estudar e trabalhar, o que você gostava de fazer? Passear? Quais eram os seus amigos na adolescência?

R – Ah, passear assim, eu não tenho muita lembrança de passear assim, “ah, eu vou pra tal lugar passear”. Sempre que acontecia, era dia de domingo, ou nas festas, porque era muito difícil a gente ir, numa questão de festa, porque pra ir pra festa não é a mesma coisa que passeio, a gente não tinha muito essa coisa de passeio, até porque lá não tinha muita coisa, muita coisa assim pra gente passear, “ah, eu vou pra tal lugar pra passear”. Sempre que a gente ia, era pra fazer alguma coisa, aí já aproveitava e já passeava também, se eu estava no Saracura e tinha que ir pra Almeirim fazer alguma coisa, a gente já também aproveitava pra passear, não tinha muito aquela coisa de passear.

P/1 – E você tinha namorado?

R – Não, eu não tinha assim, eu conheci uma pessoa lá que eu ainda tinha 17 anos, era um moço que era mais velho do que eu, ele era separado da esposa dele, aí eu fiquei namorando com esse rapaz, eu tinha 17 anos, ele já devia ter uns 27, por aí, mas aí, eu fiquei preocupada com a questão que ele era separado e tinha filhos, aí eu falei, “não, isso daqui não dá pra mim”. Aí, a gente passou uns oito meses namorando, ele ia na casa da minha tia, conversava com a minha tia, minha tia gostava muito dele, que ele era uma pessoa muito responsável e ele falava pra mim, “eu quero casar com você! Eu quero casar, eu quero comprar o vestido”, não sei o quê, eu morria de sorrir. Aí, depois foi que eu conheci o meu esposo, que é hoje.

P/1 – Mas, aí você não ficou com o primeiro por quê?

R – Com qual?

P/1 – Com esse que ia namorar na casa da sua tia.

R – Que ia namorar... Porque ele separado e tinha filhos, por isso que eu não quis ficar.

P/1 – Você achava complicado?

R – Eu achava, sempre achei muito complicado, desde a minha adolescência que eu sempre via... Porque na época, a nossa mãe, os nossos pais, eles não conversavam isso com a gente, era muito reservado. A minha mãe engravidava, quando a gente sabia a barriga da minha mãe já estava grande, a gente começava a ver. Ela não contava que estava grávida, a gente via ela contando pras outras pessoas e essas coisas, antigamente, principalmente, na minha família, eram muito reservadas, a minha mãe não conversava de sexo. Eu já sabia porque eu via com as outras pessoas, eu falava assim, “se eu fizer sexo, eu vou engravidar”. Meu pai tem uma família de 11 filhos, então eu não quero ter 11 filhos, que eu sei a dificuldade que meu pai passa pra sustentar, principalmente na questão financeira, eu sempre tinha isso comigo e ninguém me dizia, eu mesma que aprendi por conta própria.

P/1 – E você tinha algum desejo, sonho nessa época? “Ah, quero me formar”, “Quero fazer tal coisa”?

R – Tinha. Eu tinha o sonho de... Por quê? O que me chamava atenção? Me chamava muita atenção aquela pessoa, que, vamo dizer, eu ia na igreja, vê aquela pessoa que sabe explicar, que sabe falar isso, que chega aqui na frente... Eu sou muito tímida pra fazer isso, até hoje, eu ainda não consigo muito fazer isso, mas eu tinha muita vontade, “ah, quero, eu não sei o que eu quero ser, mas eu quero estudar, pra mim ser alguma coisa que eu possa trabalhar”. Eu não tinha, e não tinha aquela direção de dizer, “eu quero ser uma professora” “eu quero ser uma pedagoga” “eu quero ser uma médica”, eu não tinha essa direção, eu só tinha uma direção de dizer assim, “eu quero estudar e quero arrumar um emprego pra me ajudar, a minha família, ajudar meus irmãos, ajudar meu pai”. Só que quando eu cheguei lá, era até a quarta série que tinha, eu comecei... Ainda fiquei um ano, sem estudar, foi na época que você perguntou se eu tinha namorado, namorava com esse rapaz, parei de namorar ele e conheci o que é meu esposo agora. Depois que eu conheci, a gente ficou namorando, aí quando deu 20 anos de idade, eu já fui morar com ele.

P/1 – Onde você conheceu seu esposo?

R – Eu conheci ele lá no Saracura.

P/1 – Como foi?

R – Na festa. Eu já conhecia ele andando na rua, porque é uma comunidade pequena, aonde praticamente todo mundo se conhece, aí eu conheci ele lá.

P/1 – E se apaixonou?

R – Aí, se apaixonou, a gente foi morar junto, depois que a gente casou, a gente foi morar junto, aí meu pai ficou muito triste, porque sempre tem aquela coisa de querer casar a filha, meu pai ficou muito triste, muito magoado comigo. Essa dificuldade, eu acredito que praticamente, toda família naquela época tinha porque o pai sonha uma coisa pra filha e acontece outra. Aí, foi, depois de um ano eu tive meu primeiro filho.

P/1 – Onde vocês foram morar?

R – Eu morava lá no Saracura, Saracura que é uma comunidade do município de Almeirim.

P/1 – E lá, o que seu marido fazia?

R – Meu marido era empregado da empresa.

P/1 – Que empresa?

R – Da empresa São Raimundo.

P/1 – Ele fazia o quê?

R – Ele era, ele era operador de máquina.

P/1 – E você continuou trabalhando, estudando? O que você fez?

R – Eu parei de estudar porque não tinha oportunidade lá, só tinha até a quarta série, aí parei de estudar, aí fiquei sendo dona-de-casa, cuidando da casa, cuidando do marido. Aí, eu engravidei do meu primeiro filho depois de um ano, eu tive meu filho com 21 anos, eu tive meu primeiro filho.

P/1 – Qual o nome dele?

R – É Cleyson.

P/1 – Como foi sua gravidez? Como foi ser mãe?

R – Foi assim uma coisa que, que, eu falei, “nossa, estou grávida!”, eu falei pra ele, “nossa”, comecei passar mal, aí falei, “nossa, acho que estou grávida”, aí acompanhei a gravidez, senti muita coisa, eu passava mal, acho que eu perdi quase que uns dez quilos, eu perdi, porque eu passava mal, muito enjoo na gravidez. Até os cinco meses eu passava mal, tudo que eu comia eu vomitava. Aí, quando foi num dia uma pessoa veio, me ensinou um remédio com vinho, aquelas coisas, que antigamente tinha muito essa coisa de remédio caseiro. Aí, eu tomei, graças a Deus, foi um remédio muito bom que me aliviou, mas eu já tinha aquele trauma pra comer, tinha aquele trauma pra escovar o dente, até hoje eu não uso o creme dental que a gente usava, eu usava muito esse creme dental Colgate, nossa, até hoje quando eu vou usar ele, eu ainda sinto aquela coisa, parece que está “pitchu” no meu nariz, aquele cheiro...

P/1 – O que mudou na sua vida depois que você foi mãe?

R – Eu fiquei mais responsável, depois que eu fui mãe, eu senti que a responsabilidade cresceu mais, porque quando você é mãe, você sabe que você constrói uma família, a partir do momento que você é mãe, você já está construindo uma família, quando você deixa sua casa, seu pai e sua mãe, pra construir outra família, é uma família, mas a partir do momento que você é mãe, a família começa a crescer.

P/1 – E aí, você teve mais filhos?

R – Tive mais filhos.

P/1 – Quantos filhos você tem?

R – Eu tenho três, três filhos, dois homens e uma mulher.

P/1 – Você ficou sem trabalhar fora pra cuidar dos meninos?

R – Eu fiquei sem trabalhar fora. Eu fiquei. Eu tive meu primeiro filho, lá onde a gente morava no São Raimundo, a firma faliu, aí meu esposo ficou por lá um ano desempregado, depois como veio o currículo deles pra cá, a Jari acabou chamando eles pra aqui. Aí, a gente mudou de lá pra cá, ele veio na frente, se empregou novamente, e depois eu vim

P/1 – Pra Laranjal do Jari?

R – Eu vim pra Laranjal do Jari. Eu morei um ano em Laranjal do Jari e depois eu engravidei da minha menina, fui trabalhar, quando eu vim pra cá, meu menino tinha quatro anos, quando chegou aqui em Laranjal do Jari, eu engravidei da menina.

P/1 – Qual o nome dela?

R – Cleiciane, a gente chama ela de Aninha. É o apelido de Aninha, que a gente chama. Aí, eu vim aqui pro Laranjal e eu comecei trabalhar, porque como minha irmã morava comigo, que tinha uma criança também, eu fui trabalhar, quando eu cheguei pra cá no hotel, Hotel Solar do Carmo aqui. Quando eu entrei no hotel, um mês depois, eu engravidei da menina. Trabalhava a noite, pra ajudar na questão financeira da casa, que na época a gente pagava aluguel, era complicado, e o salário era pouco, a gente pagava aluguel, era complicado mesmo. Depois eu tive a minha menina e saí, que tive que largar o lugar do emprego por causa da menina. Aí, a gente mudou pro Planalto, que é uma vila, não sei se você já ouviu falar, uma vila que tem aqui, eu morei oito anos no Planalto, tive um menino também no Planalto.

P/1 – Mas, nesses oito anos no Planalto, você parou de trabalhar? Ficou em casa?

R – Parei de trabalhar e fui estudar.

P/1 – Seu marido estava empregado no Jari?

R – Estava empregado na Jari mesmo, ele estava empregado. Aí, foi aí que eu comecei a estudar mesmo. O meu filho mais velho já tinha dez anos, meu filho mais velho. Aí eu comecei a estudar. Estudava a noite, continuei o estudo lá, que eu fiz a primeira, a segunda e a terceira etapa lá, depois eu fiz o primeiro, o segundo e o terceiro aqui, em Monte Dourado, de lá eu vinha pra cá. Depois dessa época, eu mudei pra cá, pra Monte Dourado, aí já facilitou que eu estudei o terceiro, o segundo e o terceiro ano aqui.

P/1 – Você estava estudando porque queria terminar os estudos?

R – Eu estava estudando porque eu queria terminar.

P/1 – E aí, quando você terminou o terceiro?

R – Quando eu terminei o terceiro, aí parei também. No mesmo ano que terminei o terceiro ano, eu mudei pra Laranjal e o meu filho também estudava, aí o que aconteceu, o meu filho também estudava e não tinha a prova do vestibular pra fazer uma faculdade, tinha vontade de fazer uma faculdade, mas aí, por conta da dificuldade, eu não fiz a faculdade. Quando foi no segundo ano, eu já estava morando em Laranjal, o meu filho terminou o terceiro ano lá, aí tinha um desafio lá, que a gente estudava pra fazer a faculdade, foi aí que veio uma prova do vestibular federal, pra Laranjal do Jari, do vestibular do estado do Amapá, da Unifap; veio pra Laranjal de Jari. Aí a gente começou a fazer o desafio, eu e meu filho, eu já tinha pagado um curso de professor, o meu filho estudava na Mineko, na escola Mineko, fazia o terceiro ano e fazia um curso de professor, de qualificação de professor, noutra entidade lá, que eu pagava particular pra ele fazer. Aí, veio a questão da prova do vestibular, no último dia que eu fiquei sabendo que o meu filho não podia fazer pela escola Mineko porque falaram que ele tinha média vermelha, ele tinha alguma complicação e pela escola ele não podia fazer. Aí, eu falei, “nossa!”, custava 75 reais, eu tinha 80 reais, como já estava no último dia, eu fui lá questionei, falei “por que não está na lista pro meu filho fazer a prova do vestibular”, aí ele falou pra mim, “não, porque seu filho tem falta, tem média vermelha” e enfim, está bom. Aí, eu fui lá, peguei o dinheiro que tinha e paguei a prova dele no vestibular, aí ele passou e eu fiquei sem fazer.

P/1 – Aí, ele entrou pra federal?

R – Aí, ele entrou pra federal. Fez a faculdade.

P/1 – Foi pro Amapá?

R – Não, ele fez lá em Laranjal de Jari mesmo, foi ele fez lá em Laranjal de Jari.

P/1 – Ele prestou pra quê?

R – Ele fez pra História, aí ele passou na prova do vestibular e eu fiquei sem estudar, aí ele continuou a estudar, depois ele fez concursos, passou nos concursos, mas...

P/1 – Concurso do que?

R – Concurso público.

P/1 – Pra quê?

R – Ele fez pra professor. Ele fez aqui, no município de Almeirim, pra Ensino Fundamental e pra área de História, ele passou, só que ele não pôde exercer na História, porque ele não tinha ainda a documentação, ele ficou sendo professor do Ensino Fundamental, depois ele fez em Vitória do Jari pra Ensino Fundamental e agora ele fez concurso do estado e passou, em primeiro lugar, no concurso do estado. Aí, ele deixou daqui de Almeirim, do emprego aqui de Almeirim, porque o salário é menor e ficou sendo professor em Vitória do Jari, do município e do estado. Daí, eu estou aqui. Depois, eles foram crescendo, quando chegou na idade de 12, o menino mais velho já era maior de idade, quando o meu menino chegou na idade de 12 anos, eu também só era dona-de-casa, foi aí que eu conheci o projeto da Fundação.

P/1 – Como você conheceu? Como ficou sabendo?

R – Eu fiquei sabendo porque tinha os projetos CEM, que eram os Centro de Excelência da Mulher, eu mudei pra Laranjal de Jari, na verdade, nesse ano, por tudo isso que eu acabei de dizer pra você e eu tinha muita dificuldade em Laranjal de Jari, por conta da violência, essa coisa toda, que onde a gente morava não tinha muito essa preocupação. Quando eu mudei pra lá, eu comecei a ficar preocupada, eu fiquei só em casa, só cuidando de casa, quando meu filho mais novo, o Breno, tinha 11 anos, foi aí que eu conheci a Fundação, dez, 11 anos, foi aí que eu conheci o projeto, eu comecei a participar do projeto, comecei a participar, fazer curso do projeto.

P/1 – Quem te chamou pra participar?

R – Foi a minha tia. A minha tia sabia, porque eu ficava muito em casa, a minha tia, “não, minha filha, vai pra Fundação, que a Fundação funciona lá, tem os CEMs, Centros de Excelência da Mulher”, aí eu procurei lá e me inscrevi. Na época que eu me inscrevi, a gente começou a participar, eu tinha também uma venda que eu trabalhava pra Natura, eu vendi Natura, aí a gente começou a fazer microcrédito, pra ampliar a venda. E aí, a Fundação começou a trazer os cursos de artesanato e eu me identifiquei com a joia e com o patchwork, que eu sei fazer patchwork, aí eu deixei a joia e fiquei fazendo patchwork, porque aí não você tem que continuar, na verdade eu não me identificava, eu não conseguia fazer, eu olhava e “não, isso daqui não é pra mim”. Aí, depois com o incentivo das meninas, na época, eu ainda me afastei, e com o incentivo das meninas, aí eu comecei um colarzinho daqui, outro dali, hoje eu sei fazer muito bem.

P/1 – E aí, vocês fizeram esse curso, promovido pela Fundação?

R – Foi.

P/1 – E aí, quando acabou o curso?

R – Quando acabou o curso, a gente começou a fazer individual, cada um fazia, comprava semente em Belém, comprava o material em Belém, tinha muito essa dificuldade.

P/1 – Mas, não era uma associação ainda?

R – Não era uma associação ainda, não. Cada um fazia por si. Aí, veio a ideia da Fundação, “Por que vocês não formam essa associação? Podiam constituir essa associação”, aí, foi que juntou várias do Jari, e a Fundação ajudou nós construir a associação, que é hoje.

P/1 – Em que ano foi isso?

R – Foi ano de 2005. A gente iniciou o trabalho em 2004, e quando foi 2005 a gente começou já na associação.

P/1 – Em quantas mulheres vocês estavam?

R – Vinte e três mulheres.

P/1 – E como era o nome da associação?

R – Associação AMARTE, Associação das Mulheres Mães Artesãs do Vale do Jari.

P/1 – Era ‘mães’ porque eram todas mães?

R – Era ‘mães’ porque eram todas mães, porque a associação era voltada para as mães. Não que não tivesse de criança, tinha voltado pras mães, pra criança e pra jovem.

P/1 – E como foi o começo? Como vocês se reuniram? Quem era a presidente?

R – Quem foi a presidente, foi a Aldenora, na época, ela é de Vitória de Jari. A gente se reunia, eles trouxeram capacitação de sociativismo, de cooperativismo, e de outros cursos de capacitação pra gente, pra gente poder estar formando a associação. A gente tivemos muita dificuldade, ainda tem muita dificuldade. Eu não vou dizer pra você que é 100%, porque a gente sabe que nenhum lugar é 100%, todo mundo sabe isso que a gente tem as nossas dificuldades, mas a gente construiu já muita coisa, aprendeu muita coisa.

P/1 – E como sua família recebeu isso na época? Seus filhos, marido?

R – Porque o meu esposo, ele não interfere muito nesse tipo de coisa. Ele coloca na minha mão, “você que sabe”. Mas, aí, devido a muitas coisas, eu tive problema de saúde, hoje ele já interfere um pouco, hoje já interfere. Porque assim, eu me apeguei no trabalho, eu me apeguei. Não é pela questão de remuneração, eu aprendi a gostar, a gostar não só do trabalho. Eu digo pra você, hoje eu faço porque eu gosto de fazer. Eu me apeguei no trabalho de uma tal forma, que ia todos os dias, se precisasse eu ia pra tal lugar, ia bater de frente com alguém, eu digo que “isso aqui está certo, que isso aqui está errado”, mesmo não tendo aquele estudo que poderia ter, que eu acredito que hoje que a gente já tem oito anos, que completou agora dia 04 de julho, oito anos, era pra gente ter se preocupado com uma questão de alguém formar alguém. Porque na associação não tem ninguém que tenha curso técnico, eu tenho um curso técnico hoje, técnico não, é básico, que eu fiz de almoxarifado ano passado no Instituto. Mas enfim a gente não teve essa capacitação, a gente tem essa dificuldade de gestão, a gente tem essa dificuldade, mas assim, graças a Deus... É isso mesmo.

P/1 – Em algum momento você pensou em desistir e sair?

R – De início, sim, de início eu me afastei, porque, como eu falei pra você, eu trabalhava com patchwork e, aí eu colocava na associação, não vendia, aí eu tinha que pagar a mensalidade, porque a gente paga uma mensalidade pra sustento da associação e eu tinha essa dificuldade, aí, eu saía pra vender, eu conseguia vender, mas no espaço que estava não conseguia vender, eu falei, “ah, eu acho que vou abandonar, eu vou sair”, por conta também que eu morava em Laranjal e o trabalho era pra Vitória. A gente iniciou, a gente juntava um pouco de dinheiro pra estar comprando material, cada uma comprava seu material, foi aí que veio a questão do edital da Petrobras, o edital do Governo do Estado e a gente conseguiu mandar o projeto e a gente conseguiu captar o recurso, foi aí, depois de dois ou três anos que a gente conseguiu o espaço, maquinário, pra gente estar trabalhando junto, mas quando a gente iniciou a associação, a gente não tinha nada.

P/1 – E onde vocês arrumaram o primeiro espaço?

R – A gente arrumou o primeiro espaço pra produzir foi em Vitória do Jari, na casa de uma associada mesmo que ela alugou, foi atrás de parceria com a Prefeitura, a Prefeitura pagava, nem pagou tudo, pagava esse espaço porque ela achava justo ser renumerado, aí foi atrás de parceria com o prefeito, o prefeito ainda conseguiu pagar alguma coisa, aí depois, quando a gente comprou os maquinários, a gente não tinha espaço. Quando a gente mandou o projeto pra Petrobras, a contrapartida do município, que seria do prefeito, era doar a terra, pra gente está construindo, coisa que não aconteceu. Aí, as máquinas que a gente comprou, as máquinas ficaram paradas, aí foi que a Fundação também cedeu espaço aqui na Escola da Madeira. A gente trouxe as máquinas pra cá, pra começar a fazer beneficiamento, porque a gente já tinha o maquinário, mas não tinha o espaço pra montar, até porque por conta da energia que, algumas máquinas de beneficiamento que é trifásico a máquina, a gente teve muita dificuldade nessa questão. Foi aí, que a gente também conseguiu um local lá, o local é muito grande, é um pouco afastado, afastado não, saiu da cidade chega na Amarte, a gente conseguiu comprar um terreno de 300 metros quadrados, a gente teve muita dificuldade com a prefeitura, o prefeito atual ele não mexeu com a gente na época que a gente comprou, mas quando entrou a outra gestão, nossa, foi uma dificuldade muito grande. Enquanto a gente estava trabalhando aqui, a gente tava construindo o espaço de Vitória, a gente fez um empréstimo da Fundação, um microcrédito que a Fundação cedia, na época pro projeto, a gente conseguiu, pagamos, no ano passado que a gente conseguiu pagar, que era um preço mínimo que a gente pagava, só que foi três anos que a gente pagava. Aí, ano passado a gente conseguiu pagar, quitar e mais com um pouco de dinheiro que a gente tinha, a gente conseguiu comprar o espaço, a associação conseguiu comprar o espaço.

P/1 – Quanto tempo demorou pra vocês ganharem dinheiro?

R – Quanto tempo demorou? Não demorou muito tempo, porque quando a gente começou a comprar, tirava, aí depois investia de novo e tirava, aí depois quando a gente se uniu pra trabalhar junto, a gente sempre tirava do material e dividia em partes iguais com quem trabalhava, quando foi no final de 2009, de 2010, teve um ano primeiramente da dona Aldenora, como eu falei pra vocês que ela era a presidente, um ano, e ficou um ano a dona Madalena, que era a tesoureira. Na época, eu fiquei, quando teve a nova eleição, depois de um ano, teve uma nova eleição, aí eu fiquei sendo a tesoureira da associação, aí a gente mudou um monte de coisa, de questão. Aí, a gente já pegou a valor da associação e comprou material pra todo mundo, a gente pegou aquele valor e comprou, com um pouco de dinheiro e investiu pra comprar material pra todo mundo. Aí, quando a gente trabalhava em casa, a gente dividia em partes iguais, o custo. Por exemplo, eu fui lá em Belém e teve um custo além do material, a gente já colocava aquele custo em cima do material e dividia em partes iguais o material, cada uma ficava fazendo, vendendo, quem não vendia por fora, ela também pagava o material pra associação.

P/1 – E quanto vocês retiravam nessa época?

R – Ah, a gente retirou, na época, tinha associado na época, de 2009, que a gente chegou a tirar até mais de mil reais, mil e pouco, mil e pouco, no final do ano a gente conseguiu retirar mil e pouco. Cada uma associada. Não, no final do ano, mas sempre teve essa variação de muito, de coisa que tem que fazer, tem mês que vem demais, outro que vem de menos, depois a gente começou a ter dificuldade, teve a crise de 2009 que a gente ficou assim, por conta também que a gente vendia mais no aeroporto, que a gente vendia mais nas visitas também aqui, a gente vendeu muito aqui na época, porque aqui na região o povo não valoriza muito.

P/1 – Quem são os principais compradores?

R – Os principais compradores são as pessoas que vem de fora, mulheres, no aeroporto eu vendo, não é aquela questão de ser só mulher, no aeroporto eu vendo bastante pra homens.

P/1 – Vocês tem um espaço no aeroporto?

R – Temos, no aeroporto, é uma lojinha mesmo, é um espaço, como é esse aqui, só que é menor, que a Jari cedeu pra gente, sem custo.

P/1 – Tem espaço pra outras associações?

R – Não. Não, tem das outras associações, da Coopenharim, um trabalho que é feito com madeira.

P/1 – Hoje vocês tiram quanto?

R – Hoje eu vou dizer pra você, a gente tira em torno de 200 reais, 300 reais.

P/1 – Por mês?

R – Sim, por mês, porque nós temos custos, os nossos custos aqui, são altos por conta de transporte, por conta que a gente tem que ir em Macapá, por conta que a gente tem que ir todo dia lá vender, no aeroporto, essa questão, essas dificuldades a gente tem muito aqui na região. A gente tem muito porque você vê que tudo é caro, nós temos alimentação, nós temos que se deslocar pra ir, a questão do transporte principalmente, a questão que a gente manda, a gente compra de São Paulo, o material, esse material, todo material praticamente nós nunca comprava aqui, em suma, não comprava aqui, que é a questão do metal, do fio, a gente manda comprar em São Paulo, vem pelos Correios, pelo PAC que é um trabalho dos Correios.

P/1 – Quais são os principais desafios hoje?

R – Ah, os principais desafios hoje é comercializar e o relacionamento entre as pessoas, eu acho que é o principal desafio, não é que esteja errado, é porque o pensamento do ser humano, cada um tem seu pensamento, ninguém é igual, e como é associação, as pessoas acham que cada uma tem que ser isso, só que sempre que eu converso com elas eu digo, “Os nossos pensamentos, eles são diferentes, só que o pensamento da associação é só um”, mas assim, eu hoje digo pra você, eu aprendi muita coisa na associação, aprendi não só com meu trabalho, mas, pro meu relacionamento em casa com a minha família, enfim, aprendi muita coisa. Já conquistei muita coisa, que eu acho que a gente conquistou e no final de 2009 a gente tinha, até o Rafael, “de onde que essas meninas pegaram esse dinheiro?!”, a gente tinha cuidado de guardar um pouco de dinheiro pra questão de investir. A gente tinha em caixa em 2009, no final de 2009, 2010, 9536 reais! Aí, o Rafael, “De onde vocês pegaram esse dinheiro”, o Rafael daqui, eu falei, “A gente vai guardar, a gente vai dividindo”, porque assim, a gente tirava um custo baixo, mas era livre de toda a despesa.

P/1 – E você hoje ocupa algum cargo na associação?

R – Eu sou a presidente hoje.

P/1 – Quando você foi eleita?

R – Eu fui eleita em 2010.

P/1 – Por que você foi eleita?

R – Ah, eu acho que foi por livre e espontânea pressão (risos). Porque, eu, pra falar a verdade, eu não gosto, mas eu não gosto de estar na frente do trabalho, eu acho muita dificuldade, é muita pressão e todas as coisas ruins que acontecem, a culpa é sua e a culpa é do grupo todo, quando dá certo pra você, ninguém elogia, mas quando dá errado, você sabe que...

P/1 – E por que a associação tirou a palavra ‘mães’ do nome?

R – É porque, tirou o nome mães, porque sempre tinha aquela polêmica, das pessoas que vinham, “por que mãe? Por que só mãe? Por que não tem mulheres? Porque aqui na associação tem que ter jovens, tem que ter a pessoa que está iniciando, 17 anos que tem o primeiro emprego”, sim pra que vejam na comunidade que aquela menina que tem 15, 16 anos, também ela pode estar lá, de 17 anos, enfim, 20 anos, porque tem pessoas hoje, mulheres que tem 30, 40 anos e não tem filho, aí por isso que a gente tirou, a gente achou melhor tirar a questão mães, a palavra mãe.

P/1 – Como vocês aprenderam? Quais são os produtos que vocês fazem? Colares, brincos?

R – Nós fazemos colar, brinco, pulseira, terço, grampo de cabelo, chaveiros, cintos...

P/1 – E como vocês aprenderam a fazer os trabalhos? Quais são os materiais que vocês utilizam?

R – Ah, a questão de combinação de cores?

P/1 – Quais são os materiais que vocês usam?

R – Pro tingimento?

P/1 – Não. De que são feitas as bijuterias?

R – Ah, as sementes que você está falando. São feitas de sementes da região da Amazônia, mesmo. Açaí, olho de boi, caraná, paxiúba, jatobá, tucumã, jupati, aturiá, bacara, tem vários tipos de sementes, que a gente utiliza da Amazônia.

P/1 – Mas, vocês fazem uma pesquisa pra ver quais podem ser utilizadas?

R – A gente faz. A gente mesmo faz lá na associação, porque depois que a gente aprendeu, que veio o curso de beneficiamento de semente, cada dia a gente melhora, cada dia a gente procura melhorar, e a gente faz o experimento com semente, porque tem semente que a gente já experimentou que hoje a gente não está utilizando, por exemplo, abacaba, hoje a gente utiliza muito pouco abacaba porque a gente acha que abacaba, ela é muito frágil. Inclusive nós fizemos uma coleção com uma designer que veio de São Paulo, a coleção Palmeira, a gente fez umas peças muito bonita com prata, que a gente não continuou esse trabalho e a gente acha que a semente, ela não era apropriada, inclusive a designer, queria voltar pra ver isso, mas também como o custo era muito alto, cada uma oficina que ela vinha dar seria, era 60 mil reais que ela tava cobrando, a gente optou por não, se viesse a continuar a coleção, a gente optou por fazer uma nova coleção, mas que não fosse com a semente de abacaba. A semente também da paxiúba da região, a gente acha também que é muito frágil, o açaí também da região a gente acha que é frágil.

P/1 – Quais são?

R – A gente utiliza mais açaí que vem, que a gente compra de Manaus, não que ele seja tão frágil o açaí daqui da região, porque a semente que vem de Manaus, ela é uma semente menor e que é mais apropriada pra gente fazer algumas peças e ela pega mais a pigmentação dos que as sementes daqui da região, não que a semente daqui da região, não seja boa pra ser utilizada aqui, mas a gente utiliza mais a que vem de lá. E a gente teve, hoje, não sei se você ainda tem alguma coisa pra me perguntar? Hoje a associação trouxe um benefício muito grande, uma questão de reconhecimento, não só pro estado, pro município, pro vale, mas acredito que pra Fundação também, por conta que foi fundado pelo projeto da Fundação e a gente conquistou prêmio já, que foi o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, na época na região. Eu sempre fui assim, muito reservada no que eu faço, eu particularmente, eu não gosto de falar muito, não gosto de dizer muito sobre, não, isso interessa, eu acho, a mim, não interessa muito às pessoas, aí, as meninas, “Não, está errado você tem que dizer isso, você tem que dizer aquele outro”. Eu acho assim, eu não sei se eu estou errada, mas eu sempre achei assim, mas assim, gente, eu conheci, através da associação, eu conheço tudo, as maiores cidades brasileiras eu conheço, através da associação, eu não conhecia. Eu conhecia Belém, do estado do Pará, Macapá, mas saindo daí eu não conhecia, Manaus, aqui pra região Norte, sempre eu conhecia, mas através da associação a gente conhece, eu conheço, as meninas conhece, por causa das feira que a gente já participou. Brasília, São Paulo, no Rio de Janeiro, então a gente teve essa oportunidade, não só de, através do trabalho, mas de conhecer também. Agora eu fui em Porto Alegre, na Feira de Economia Solidária, que aconteceu em Santa Maria semana passada eu fui. E enfim, a gente já tem esse reconhecimento da associação, através também do prêmio. Eu nunca pensei na minha vida que eu fosse lá na Itália, nunca passou nem pela minha cabeça, eu olhava na televisão e falei, “Isso aí não é pra mim”. E sempre meus filhos questionam comigo, “Mãe, a senhora não tem dinheiro como é que a senhora vai pra esses lugar?”, eu falei: “Eu não tenho dinheiro, mas eu tenho uma responsabilidade e tenho um trabalho, se eu não tivesse, tem o trabalho, mas se não tiver a responsabilidade as pessoas não vão mais pagar, com certeza não vou”.

P/1 – Como você conseguiu ir pra Itália?

R – Foi através do prêmio, Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, porque quando veio o prêmio, o Sebrae procurou a gente pra contar a história, a história sendo a história da pessoa e da associação, foi o que as meninas sempre falaram pra mim, o que foi que as meninas disseram, “Não é uma história da associação, é uma história sua”, eu falei, “Eu tenho uma história, porque tem a associação, se não tivesse associação, eu não tinha uma história de trabalho”.

P/1 – E como é que você foi escolhida? Pela sua história?

R – Sim, pela minha história, é porque eu falei pras meninas, ligou, eu tava inclusive na loja do aeroporto e falei, “vocês vão em Vitória do Jari, que as meninas vão contar história pra vocês”, elas foram em Vitória, quando chegou em Vitória...

P/1 – Elas quem, foram?

R – As meninas do Sebrae, a gestora do Sebrae na época, a gestora do Macapá, com mais a Nineuza que é do escritório de Laranjal do Jari. Elas foram lá, aí as meninas falaram que “Não, a história que elas achavam que tinha que contar era eu”. Aí, eu fiquei enrolando elas, “Não, eu não posso contar”, quer dizer, as meninas vieram de Vitória do Jari pra me encontrar aqui, eu fui embora Vitória de Jari, falei, “não”, aí as meninas ficaram ligando pra mim, “não, você vem”. Aí eu fiquei pensando, eu cheguei em Vitória, elas, “Não, é você que tem que contar a história, porque acho que a sua história é bonita por conta da luta, que você vem de Laranjal do Jari pra cá, todos os dias”, aí elas ficaram ligando, ficaram ligando, “Eu não tenho, o que que eu vou contar pra vocês?”, aí foi que eu vi, era cinco horas da tarde, quando eu vim de Vitória pra Laranjal, porque eu moro em Laranjal, aí eu fui no Senai, chegou lá, eu comecei a contar a história, elas me ajudaram, igual a você também está me ajudando agora. Aí, fui, fui, contei a história, aí pronto, as meninas foram embora. Quando foi um dia eu estava, no meio de março, no dia oito de março, eu falei assim, “o Sebrae sumiu, porque disseram que iam convidar a gente pra um chá lá no Sebrae, no dia das mães e o Sebrae sumiu”, pronto ficou por isso. Quando foi no dia 14 de março, ela me ligou, ela falou pra mim, “Lembra da história que você me contou?”, eu falei, “Lembro”, “Você foi selecionada entre essas histórias você foi uma das selecionadas pra vim pro prêmio pra Macapá”. Foram 3600 histórias no Brasil, 3600 histórias. Aí, eu fui pra Macapá, cheguei em Macapá, muito tímida, quando eu cheguei e vi um monte de gente lá, aí aconteceu o prêmio, aí eles falaram, eles incentivaram muito a pessoa que foi selecionada, uma pessoa daqui pra ir pro prêmio, pra Brasília, porque tem o

prêmio estadual e o prêmio nacional, pra ir Brasília, aí eles aconselharam, incentivaram muito, falaram que era uma coisa muito boa e que a pessoa que tinha sido selecionada, que tinha que valorizar muito, pelo que eu entendi a palavra, que era uma coisa a nível de estado, a nível de Brasil e enfim, quando chegou na hora do prêmio eu me assustei porque eles me chamaram e eu falei, “Não, eu não tô acreditando”. Aí, enfim, quando eu cheguei lá eu vi dois buquês de flores naturais, brancos, eu falei assim, “Nossa, só tem dois aqui”. Eu tinha tanta vontade de ganhar um buquê daquele, e o buquê veio pra mim, eu tinha vontade, quando eu vi aquilo lá, eu peguei lá, e não peguei, pensei, “Nossa, se um desse viesse pra mim... pra quem será?”. Aí, enfim, aconteceu a premiação lá e depois quem ganhava o prêmio estadual, era também selecionado pra Brasília, aí lá eles já tinham o dia, a data, enfim, a gente foi pra Brasília, lá que foi pior porque, quando eu cheguei lá que eu vi o hotel cheio de mulheres selecionadas, nossa, porque até então eu achei que era uma coisa bastante simples, quando eu cheguei em Brasília foi que eu fui ver o valor que tinha o prêmio, tinha mulher que estava ali na maquiagem chorando porque tinha que levar o prêmio para cidade dela, porque era um compromisso dela fazer aquilo. Aí, tive um momento, que lá envolvido Sebrae, a Fundação Nacional da Caridade, não sei se você conhece a Fundação Nacional da Caridade, todas essas pessoas envolvidas. Eu entrei no elevador, aí tinha uma senhora que me olhou que era a dona Arlete, que era a presidente da Fundação Nacional da Caridade, ela olhou, “Você é uma das selecionadas, ou você veio como convidada?” “Não, eu sou selecionada” “qual o teu nome?” “Carmita”, aí ela falou, “Ah, é você que é a Carmita?!”, eu falei, “É”, ela ficou me olhando assim, eu falei, “Aí, meu Deus do céu, a mulher não gostou de mim” e aí eu ficava muito séria, porque também eu acho que eu tenho esse defeito, eu sou muito séria, muito tímida, muito séria, as meninas falavam pra mim, todo mundo falava, “Ó, você tem que sorrir mais, você tem que fazer isso”, pronto! Aí, chegava nervoso. Aí, a gente quando foi no primeiro dia, a gente conheceu o Sebrae, conheceu as outras mulheres que tinham ganhado no ano anterior, eles levaram a gente pra conhecer alguns lugares lá em Brasília, foi a primeira vez que eu fui em Brasília, levaram a gente pra conhecer lá Brasília, enfim, a expectativa era muito grande. No primeiro dia teve um jantar, tinha uma menina da revista Pequenas Empresas, Grandes Negócios, que era a Magda da Globo, a Magda, e ela conversou muito comigo ela pediu, eu coloquei meus produtos, pediram pra colocar os produtos lá, ela pegava assim, eu lembro tão bem quanto seja hoje, ela pegava um bracelete daqueles, era sete, oito reais na época, ela falava assim, “Isso aqui é muito barato, eu vou ficar com essa pulseira, mas vou ter que pagar 20 reais pra você”, eu falei, “Não, se o custo da pulseira é oito reais, você vai ter que me pagar oito reais, porque eu não vou me prevalecer da situação, porque você quer me dar, não; se o preço é oito reais, é oito reais”. Mas, assim, era uma conversa tão boa, tão boa que a pessoa olhava assim e via, a humildade, acho que a humildade da pessoa, a humildade da pessoa. Aí, quando foi no outro dia, aconteceu a premiação, nós fomos passear, como eu já falei pra você do Sebrae, aí quando foi a noite aconteceu a premiação que foi num espaço muito bonito, nossa, eu me senti tipo, “Meu Deus do céu, o que que eu faço?”, porque era nas duas categorias, era em Pequenas Empresas e na categoria Grupo Produtivo, que no caso de associação e cooperativa. Então, foram selecionadas muitas mulheres de cada categoria. Aí, a primeira premiação foi do grupo coletivo, no qual eu estava inserida. Eu disse, “Meu Deus...”, sempre naquela questão de pé atrás, sempre naquela questão de pé atrás, colocaram, foi a questão do ensaio, eu lembro como se fosse hoje, a questão do ensaio, “Não, você fica na frente”, eu falei, “Não, por favor, vocês ficam na frente, eu vou ficar aqui”, aí, foi, foi, “Não, você fica na frente porque isso e aquilo, você fica na frente”. Na hora lá, as mulheres saíram e aconteceu um erro, que em vez que era pra sair por esse lado, saíram por esse lado e eu acabei ficando a última, eu falei, “Aí, meu Deus, que benção”, sempre com aquela questão, eu acho que também por causa da falta de conhecimento, um monte de coisa que envolve. Quando chegou na premiação, tinha o pessoal do Sebrae, o gestor do Sebrae, eu não sei o nome, o coordenador do Sebrae, sei lá, tinha muita gente lá, desse pessoal, que era de nível nacional. Aí, ele me veio, ele falou, “Olha essa pessoa que veio, que foi a premiada e veio de muito longe”, eu falei, “É a mulher do Acre, ou de Rondônia”, que também tinha lá, outras mulheres que eram do Norte. Falei, “É essa mulher aqui”, aí ele falou assim, “Não, veio do estado do Amapá...”, foi aí que, quando ele falou meu nome, eu fiquei assim, “Aí, meu deus, eu não estou acreditando”, eu não fiz nada, fiquei parada, e as mulheres, que eu já tinha conhecido algumas, que eram colegas de Pequenas Empresas falaram, “Vibra mulher! Se fosse eu, estava gritando, não sei o quê”. E as meninas que foram do Amapá, a gestora, a diretora do Sebrae do Amapá, ela também estava lá, nossa, menina, correram me abraçaram, enfim, quando terminou tudo isso, eu falei, “Nossa!”. Aí, que eu comecei a valorizar mais o que eu fazia, eu falei, “Eu sei fazer e eu faço, se eu tenho uma história é porque eu sei fazer”. Aí, enfim, através do prêmio, eles já marcaram lá a viagem, foi em setembro a viagem, além do prêmio, o que a gente teria? A viagem, que a gente escolheu em ser pra Itália, foi aí que nós fomos. E é aí, que eu digo pra você, a questão de toda uma retrospectiva da minha vida que eu fiz, de adolescente, desde quando eu vinha trabalhando, eu passei, eu passei! A gente passou dez dias lá e levaram a gente pra conhecer vários museus, várias cidades, fui no Vaticano, vi o Papa, no horário que a gente chegou lá, era dia de domingo, que nós fomos em Roma, aí estava na hora da missa do Papa, não cheguei muito próximo, porque tem lá aquelas coisas, não que eu não pudesse chegar, podia, mas eu preféri ficar lá, aí eu falei, “Nossa eu estou aqui mesmo?”, beliscava, “Será que eu estou aqui mesmo?”, fui no Coliseu, a gente passou dez dias lá em Milão, andei de trem bala.

P/1 – Vocês também foram a algum evento de negócio, ou era só passeio?

R – Não, a gente visitou várias empresas, pequenas empresas, inclusive a gente foi lá na empresa que faz a seda, desde o bicho da seda até o produto final, achei uma coisa incrível, nossa! A gente visitou essa empresa, visitou outra empresa, uma associação que tem lá que eles trabalham com... Esqueci, meu Deus, qual é a atividade deles, porque não fomos só em uma, fomos em várias. Fomos na Cromo, que a Cromo é uma entidade, que ela também pega produtos do Brasil pra comercializar lá, ela é uma empresa internacional que faz esse tipo de comércio, não é a nível de Brasil, é a nível internacional.

P/1 – Carmita, o que mudou na sua vida depois do prêmio?

R – O que mudou na minha vida? A valorização. Aprendi a valorizar, cada vez mais, meu trabalho, eu aprendi a valorizar, porque assim, nós temos vários tipos de artesanato, hoje tem o produto industrializado, mas tem o artesão que trabalha com ouro, por exemplo aqui na região, tem bastante esse artesanato; tem o artesão que trabalha com tecido, tem o artesão que trabalha com a prata, e enfim, tem o artesão que trabalha com a madeira e nós somos artesãos que trabalha com a semente.

P/1 – Carmita, vocês recebem encomenda, material... Vocês usam os Correios pra fazer esse trabalho?

R – Usa, a gente já mandou documento, na questão de edital, a gente já mandou documentos, a gente já mandou peças pelos Correios, a gente

recebe compras que a gente faz, da questão que eu falei pra você do insumo, pelos Correios.

P/1 – E vocês enviam pra onde?

R – A encomenda que a gente já enviou, a gente enviou pra Natura. A gente utilizou os Correios, um pouco foi pelos Correios, como a gente tinha faltado produto que tinha que chegar, a gente mandou, por Macapá, pela empresa de aviação.

P/1 – Então, os Correios, pra vocês, tem um papel importante?

R – Tem. Muito importante, principalmente aqui na região, que a gente tem dificuldade: ou você vai nadando, ou vai voando. A gente tem muito essa dificuldade aqui pro estado do Amapá. O estado que tem mais dificuldade de chegar encomenda, só é o estado do Amapá, porque sempre pro Pará e pro outro lado do Norte, as rodovias liga, e aqui não. Aqui a gente tem essa dificuldade. A questão de encomendas, como você me perguntou, a gente ainda não tem muita questão de encomenda, a gente vende mais nas feiras, quando a gente vai, a gente um local em Macapá que é a Casa do Artesão e o Museu Sacaca, que a gente tem pra vender. Tem esse espaço aqui, tem o espaço de Vitória, tem o espaço lá do Laranjal, que o espaço também dentro da Fundação, de Vitória é o espaço é lá no local de trabalho mesmo, de produção e a loja no aeroporto.

P/1 – Carmita, quais são seus sonhos?

R – Meu grande sonho hoje, é que eu tenho vários. A nível de trabalho?

P/1 – Pode falar vários.

R – Pode falar vários. O meu grande sonho, hoje da minha família já está acontecendo, é terminar o estudo da minha filha, que ela já termina a faculdade dela agora dia 14, ela faz Direito, esse é um sonho que eu tenho de a minha filha terminar, passar na prova da OAB, eu torço muito pra isso, porque termina a faculdade, ainda tem a prova da OAB que é o mais difícil, que eu acredito que seja e continuar, fortalecer a associação, porque ela já é conhecida a nível nacional, mas colocar o nosso produto, lá onde possa as pessoas possa está vendo, fora daqui. É um sonho que eu tenho muito grande, de fortalecer mesmo, o grupo era só um grupo em Vitória, já constituímos agora esse ano, um grupo de Laranjal e, enfim, eu tenho muito sonho de continuar com associação, continuar, trazer mais mulheres, porque, porque assim eu coloco 30 mulheres lá pra trabalhar, mas eu tenho que ter aonde escoar, aonde comercializar o produto, porque não adianta no final do mês, eu ter 30 mil peças pronta se não tem pra onde comercializar. Eu tenho um sonho mesmo, de abrir o espaço lá fora, a gente já está criando uma rede social, a gente tinha uma, era um site, mas a gente não conseguiu muito por conta da internet, que aqui é difícil, mas a questão da rede social, a gente já está, eu acredito que no próximo mês, mês de agosto, setembro, a gente já esteja mesmo com esse trabalho pronto, pra tentar comercializar pela rede social e colocar nossos produtos na sede da Copa do Mundo, tenho muita vontade disso, de acontecer isso, porque é um espaço que a gente vai ter pra comercializar muito o nosso produto, porque as pessoas que vem de fora, elas não vão querer comprar o que tem lá, ou o que tem aqui industrializado, sempre que as pessoas vão querer comprar é artesanato, ou coisa que leve de lembrança do Brasil. Não produto industrializado, eu acredito que o produto artesanal também está nessa questão do comércio.

P/1 – Como foi a experiência de contar a sua história de vida pro Museu da Pessoa?

R – Ah, eu achei muito bom, porque eu estou me sentindo a vontade. Eu acho que pode também trazer um benefício pra gente, porque você vai colocar no site, como você me falou, tem o site do Museu da Pessoa, tem um site que vai dizer que a Amarte existe no estado do Amapá, não que não tenha, eu acho que já tem o site da Fundação que também ajuda nisso. Mas, eu acredito que dos Correios a gente também vai ter essa questão. Não que a gente não tenha dificuldade também. Mas, eu acho que enfim, o nosso Correios hoje pode ajudar, através de você (risos).

P/1 – Quero agradecer seu depoimento. Muito bonita a sua história.

R – Obrigada. Eu quero agradecer também vocês.

FINAL DA ENTREVISTA